

Servida de ampla bibliografia geral e especializada, que o autor distribui criteriosamente pelos capítulos, orientando, assim, o interessado, a "História da Escrita" do Sr. James G. Février se torna um volume indispensável à estante de todos os estudiosos.

EDITH PIMENTEL PINTO

CERAM, (C. W.). — *Götter, Gräber und Gelehrte*, Rowohlt Verlag, Hamburg, 1951, 494 págs..

Bem merecido foi o sucesso encontrado pelo livro de Ceram, *Götter, Gräber und Gelehrte* ("Deuses, túmulos e eruditos"), que alcançou a cifra de 106.000 exemplares entre novembro de 1949 e março de 1951, continuando ainda a ser reimpresso após esta data. Trata-se de um trabalho original, uma vez que, apesar da existência de publicações semelhantes relativas a pesquisas bastante localizadas (como Pompéia, por exemplo), não temos conhecimento de nenhum outro autor que, como Ceram, tenha conseguido apresentar aspectos de um ramo para nós tão árido para ser estudado — em virtude da distância em que se encontram os centros de excavações — como a arqueologia, sob forma tão agradável sem que, por isto, fôsse negligenciada a seriedade científica, indispensável para que os volumes desta espécie não corram o risco de integrar-se em certo tipo de duvidosa divulgação cultural, tão perigosa para os incautos que a ela recorrem. Aqui, não. Verifica-se, a todo o instante, a familiaridade do autor com as obras dos arqueólogos cujas pesquisas constituem o assunto do volume em questão, traço, aliás, para o qual a nossa atenção é expressamente chamada, logo no princípio da introdução (pág. 14). "Romance da arqueologia", foi o sub-título que Ceram escolheu para a sua obra, "romance no sentido barroco, na medida em que, dentro do mais antigo sentido romântico (de maneira alguma contrariando a realidade), trata-se da narração de acontecimentos e de desenvolvimento de vidas" (pág. 14). "Romance dos arqueólogos", diríamos nós, dada a vivacidade com que são tratadas as atividades de aventureiros e de cientistas que dedicaram suas existências ao estudo das civilizações perdidas. Schliemann, este aventureiro dotado de invejáveis dotes, domina toda a primeira parte do trabalho, de tal modo que sua personalidade lança sombra sobre o próprio mundo helênico e pré-helênico por ele explorado. E compreende-se que o A. tenha principiado por Schliemann, que tão grande base fornecia para algumas considerações a respeito do valor do dilettantismo. Num capítulo especial, intitulado "Schliemann e a ciência", lemos as dificuldades que o mundo científico "profissional" opôs à aceitação da obra de um amador, ainda que de um amador excepcional, e Ceram, após transcrever uma famosa passagem em que Schopenhauer versou o mesmo assunto, não esconde a sua simpatia pelos dilettantes (págs. 67. 232). Encerrando a primeira parte do volume temos um capítulo a respeito das pesquisas de Evans em Creta, sendo de notar-se, aqui, a preocupação do A. em estar sempre em dia com a disciplina de que trata. Fornece-nos um seguro indício deste traço a passagem em que há ampla referência à publicação, feita em julho de 1950, da notícia segundo a qual o Prof. Sittig, da Universidade de Tübingen (cujos trabalhos Altheim comparou aos de Champollion e Grotefend), descobrira os meios que permitem serem lidos os textos cretenses escritos em linear B. Passamos, a seguir, à segunda parte, intitulada "O livro das pirâmides" e cujas primeiras páginas, excelentes, aliás, tratam novamente de um aventureiro: Dominique Vivant Démon, "homem mundano, inclinado às mulheres, dilettante em todas as artes" e ao qual, com a sua *Description de l'Égypte* (1809-1813) deveria caber o mérito de fundar a egiptologia. O papel dos franceses é posto em destaque, mormente dos que trabalharam no Instituto Egípcio e, evidentemente, de Champollion, cuja obra dá margem a um dos mais interessantes capítulos do livro em questão. A egiptologia foi o campo ao qual se atiraram, dum ou doutro modo, pessoas procedentes dos mais

diversos centros culturais europeus: Belzoni, Lepsius, Mariette e seus sucessores no Museu Egípcio, Flinders Petrie, Howard Carter e outros, cujas explorações são passadas em revista por Ceram. Paralelamente à descrição das pesquisas arqueológicas temos ainda, nesta mesma parte do volume, exposta a questão do roubo das tumbas pelos ladrões do vale do Nilo, ladrões estes que se dedicavam a tal mister desde os tempos dos faraós e cujo centro importante era a localidade de Kurma. Graças a eles, aliás, chegaram a ser descobertas, em 1875, as famosas tumbas de Der el-Bahri, que apenas em 1881, após uma série de episódios verdadeiramente romanescos, puderam tornar-se campo de atividade dos arqueólogos. O mesmo estilo, vivo e seguro, marca a terceira e a quarta partes, dedicadas à Mesopotâmia e à América Central pré-colombiana e nas quais, de certo modo, o problema da escrita constitui o pivot em torno do qual tudo se desenrola. A genialidade de Grotefend, lançando as bases para a compreensão dos textos cuneiformes, e os trabalhos de Rawlinson, Oppert, Talbot e Hincks no mesmo setor, fornecem o assunto à parte mais alta do interesse dos capítulos dedicados à assiriologia, enquanto que através das aventuras de Layard e de Koldewey na Mesopotâmia temos a descrição das maiores descobertas arqueológicas na região. Após um capítulo sobre Wooley e a civilização sumeriana passamos à América pré-colombiana, onde, pela primeira vez, coube ao Homem do Ocidente cristão encontrar-se frente a frente com uma cultura que lhe era completamente estranha, que era riquíssima e que se encontrava em pleno florescimento. Relembrando as palavras de Spengler a respeito do "assassinio" das culturas pré-colombianas pelos conquistadores, Ceram nos dá um esboço da conquista espanhola, dedicando-se, a seguir, às peripécias de J. L. Stephens e de Catherwood — os descobridores de Copán —, para depois tomar contacto com os fascinantes aspectos apresentados pelo calendário maya e com a discussão dos mais importantes problemas a que dá margem esta civilização, ainda hoje tão obscura para nós. Com as pesquisas e aventuras de Thompson, o explorador da "fonte sagrada" de Chichen Itzá, e com a descoberta dos centros da civilização tolteca, principalmente Tula e Monte Alban, chegamos ao fim da obra propriamente dita, uma vez que a última parte — seis páginas, apenas —, limita-se a lançar sugestões a respeito de outras civilizações perdidas, como a hitita e a incaica. Completam o volume os quadros cronológicos, as árvores genealógicas e os mapas necessários à melhor compreensão do texto, bem como um guia bibliográfico, excelente, se levarmos em conta que se trata de um trabalho de divulgação, de um trabalho que, como nos diz o próprio A., "dá apenas um apanhado geral. Salta de cume a cume e não pode dedicar-se de maneira satisfatória e particular às pacientes atividades científicas dos cruidos de gabinete, aos quais coube, não só o mérito de rubricar e de catalogar, mas também de elaborar explicações ousadas e hipóteses criadoras e de se constituir em ponto de partida para fecundos estímulos" (pág. 130). Enfim, trata-se de um volume cuja fama ultrapassou em pouco tempo as fronteiras de seu país de origem, uma vez que já foi traduzido para várias línguas. Ao que sabemos, não existe ainda uma tradução para o português, sendo de enorme utilidade para nós que algum editor patricio se interesse pelo assunto e providencie para que o público nacional fique em condições de aproveitar também o excelente trabalho realizado por C. W. Ceram.

PEDRO MOACYR CAMPOS

TURVILLE-PETRE, (G). — *The heroic age of Scandinavia*. Londres, Hutchinson's University Library, 1951, 196 págs..

Na qualidade de Vigfusson Reader em literatura e antiguidades islandesas da Universidade de Oxford, coube a G. Turville-Petre compor o volume que a Hutchinson's University Library, sob o título *The heroic age of Scandinavia*, dedicou à história dos países escandinavos até a morte de Santo Olavo (1030). Dentro da linha que caracteriza a série em que foi publicada, a obra em ques-